

The Surrealistic City of the Subaltern: the revolutionary and subversive character of anguish and our dreams for reality

A Cidade Surrealista do Subalterno: o caráter revolucionário e subversivo das angústias e dos nossos sonhos para a realidade

José Ricardo Fortes Sampaio²



Data de Submissão: 13 mai. 2020.

Data de Aprovação: 28 mai. 2020.

Data de Publicação: 30 jun. 2020.

ABSTRACT: This article aims to raise anguish, suffering, enthusiasm and reflection. From the point that surrealism raised an artistic, political and aesthetic intersection of life, it is that this text can be read as a tool of concern and reformulation of alternative and non-capitalist strategies of revolution. A mind-boggling formulation of questions to answer within the political and social neuroses that we are experiencing all over the world. Read and allow yourself to criticize the text and the system in which we are living.

Keywords: Subaltern. Subversion. Anti-systemic.

RESUMO: Este artigo tem como objetivo levantar angústias, sofrimentos, entusiasmos e reflexões. A partir do ponto que o surrealismo levantou um cruzamento artístico, político e estético de vida, é que este texto pode ser lido como ferramenta de inquietação e de reformulação de estratégias alternativas e não capitalistas de revolução. Uma alucinante formulação de questionamentos para responder dentro das neuroses políticas e sociais que estamos vivendo em todo o mundo. Leia e permita-se criticar o texto e o sistema em que estamos vivendo.

Palavras-chaves: Subalterno. Subversão. Antissistêmico.

1 INTRODUÇÃO

As inquietações sobre meu corpo surgem de forma rizomática³, atormentadas, desinquieta, sem método, caóticas, incoerentes e inconstantes. Como em uma alucinação, um delírio a novas formas de potências ou sintomas de febre pelo aprisionamento e julgamento. A tentativa de questionar o meu corpo no mundo não vem para compreendê-lo ou enquadrá-lo em premissas do natural ou do intelecto, mas para inventar novos fluxos e pontos de fuga. Encaro este artigo como um

relato de inquietações subjetivas com o cruzamento de estudos sobre gênero e diversidade sexual, com afunilamento nos temas homossexuais.

Aspiro com este desenho movimentar inquietações sobre os modelos exercidos. Estamos submersos em padrões: eurocêtricos, do capitalismo, das classes sociais, do corpo-saúde, da alta moda, da sexualidade contida, de gêneros bem definidos e do corpo educado. Tornamos o sujeito um objeto dócil, alienado e funcional. Agora queremos recriá-lo, transformá-lo em diversos

¹ **Atribuição CC BY:** Este é um artigo de acesso aberto e distribuído sob os Termos da *Creative Commons Attribution License*. A licença permite o uso, a distribuição e a reprodução irrestrita, em qualquer meio, desde que creditado as fontes originais.

² Mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: ricardofortessampaio@hotmail.com.

³ Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 37).

acontecimentos e possibilidades. Somos o corpo engenhoso, inovador e desordenado.

Algumas pinturas do surrealista Jim Warren⁴ remetem a crianças e adultos rasgando a tela, e criando realidades. O artista, em algumas de suas peças, parece que pretende atingir as representações dos sonhos de alguém. Nesta obra (imagem 01), uma criança rompe a tela e inicia a pintura. Todavia, ainda não conseguimos identificar o que resultará - uma fantasia, uma realidade ou um sonho.

Imagem 01 - Obra de Jim Warren



Fonte: <https://nashvillearts.com/2016/11/jim-warren-tops-bill-years-artlightenment/>

O fato é que a criança, como característica do surrealismo, pode ser a representação do nosso inconsciente, ambicionando uma realidade desprendida da racionalidade e do jogo do poder que oprime e limita o sujeito. Existe um aspecto político subversivo que emerge do coletivo para metamorfose da revolução. Mas, não raro, ainda temos medo em existir na realidade, uma simples busca e ficamos alarmados com tantos dados sobre a morte dos nossos iguais.

De acordo com o disque 100 (um canal criado para receber informações sobre violações aos direitos humanos), em 2017 foram apontadas 1.720 denúncias pelo canal de atendimento. Enquanto para o GBB (Grupo Gay da Bahia), 420 LGBTI+

(lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, Intersexuais +) morreram em 2018, sendo 320 homicídios e 100 suicídios. Assim sendo, a cada 20 horas um LGBTI+ é assassinado ou se suicida, vítima de violência LGBTfóbica no Brasil. Somos o país campeão de crimes nesse contexto.

Se mesmo no mundo pós-moderno ainda enfrentamos tais desafios de existência, em que nos apoiaremos frente a tanto descrédito com nossas vivências, corpos, diversidades e ocupações? Pois sim! Ainda andamos pelas surdinhas e submundos para nos sentirmos livres, aceitos e vivos.

Luís Capucho, em seu livro '*Cinema Orly*', relata suas experiências em cinemas pornô do centro do Rio. Neste texto, o autor escreve e descreve os personagens - putas, travestis, trabalhadores, desempregados, michês, executivos e órgãos - coxas, paus, cus - que chamavam a sua atenção ao frequentar os cinemas. Apresentou, em palavras, muitos dos corpos abjetos e desejos que são revelados no escuro, sem medo de expor a promiscuidade que existe em nós. Contudo, o que fizemos dos nossos corpos e dos nossos desejos? Como reconquistar nossos desejos sequestrados pelo capital e pela sociedade? Como reorientar o corpo a sua potência criativa? Como destacar as vozes que permanecem abjetas nos cinemas pornô? Como elevar a espontaneidade dos nossos desejos e ações? Qual seria a cidade surrealista do subalterno⁵?

Michel Foucault anunciava que o corpo é uma "superfície de inscrição de acontecimentos" afetado pelo poder/saber. Somos a luta de forças e agenciamentos que constroem as nossas subjetividades e constituem o indivíduo. Em '*Vigiar e Punir*', Foucault envolve as instituições de poder que operam os corpos. Nesse sentido, o corpo seria algo passível "que se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam" (FOUCAULT, 2008. p. 117). Entretanto, existe esforço no autor para abrir fissuras no poder de sujeição, mostrando interesse nos processos de luta e na consistência de formas de resistências.

Nestes casos de dominação – econômica, social, institucional, ou sexual –, o problema, com efeito, é o de saber onde vai se formar a resistência. Numa tal situação de dominação, deve-se responder a todas essas questões de um modo

⁴ Jim Warren (24/11/1949, Califórnia, EUA) pintor e ilustrador surrealista, possui como referência Salvador Dali.

⁵ Encaro como subalterno aquele que são privados de voz e vistos como desqualificados.

específico, em função do tipo e da forma precisa de dominação. Mas a afirmação, "você enxerga o poder em todo lugar; logo não existe lugar para a liberdade", parece absolutamente inadequada. Não se pode me atribuir a ideia de que o poder é um sistema de dominação que tudo controla e que não deixa nenhum lugar para a liberdade (FOUCAULT, 2003, v.4, p.721).

Deleuze e Guattari acompanham o pensamento - *não existem identidades fixas ou imutáveis*. Nos encontramos submersos em forças que operam no indivíduo, que guiam, orientam e afinam os desejos. Estamos em um constante devir, em campos de desdobramentos de diferenças, possibilidades, práticas e transições.

Os autores desenvolvem a ideia do Corpo sem Órgão (CsO), utilizado em *Anti-Édipo* e *Mil Platôs*. Nessa perspectiva, o corpo, para o pensamento comum ocidental, teria a ideia de organismo – composto por órgão, tecidos e sistemas. O órgão estaria, assim, dotado de funcionalidade orgânica, prática e operante: a boca, come e o cu, caga. Mas se tirarmos a funcionalidades dos órgãos, então o que restaria? Para que serviria um pênis?

O CsO propõe a extensão da expressão do desejo e de novas formas de experimentação. O CsO é o desejo. O CsO se expande para novas direções e o desejo para novas linhas de expressões.

Existimos atualmente numa sociedade agenciada por forças que condicionam os sujeitos a modelos hegemônicos globais. O capitalismo desenfreado engolindo a produção, a ditadura do belo, da "limpeza" social, da saúde e da banalização do doente. Estamos vivendo o *'biopoder'*⁶.

Essas condicionantes afetam a postura e comportamento dos indivíduos, montando um ridículo palco hierárquico de castas, camadas, privilégios e meritocracia. O Estado governa através de dispositivos de produção de espaços submetidos e mentes assujeitadas, que atuam na produção de subjetividades e corporeidades – hospitais, parques, cadeias, escolas, universidades etc. Criou-se um espaço abissal entre os polos de privilégios, jogando diversos sujeitos aos espaços indesejados, transformando-os em objetos abjetos.

O abjeto diz respeito sobre os corpos, desejos e atitudes indesejadas pela sociedade, calcada por moralismo e em pré-julgamentos. Porém, o que pode um subalterno inquietar ou modificar? Qual o papel dos abjetos frente a onda conservadora que se perpetua no poder? Qual o nosso sonho revolucionário?

2 A CONSCIÊNCIA DO EGO

Os loucos são, em certa medida, vítimas de sua imaginação, no sentido que esta os induz a quebrar certas regras, regras cuja transgressão define a qualidade de louco (André Breton).

Este delicado desenho segue as formas de controle e revolução liderada pelos grupos minoritários. Refaço as perguntas sobre quais alternativas políticas e culturais realmente tivemos acessos e quais as que temos disponíveis hoje, diante da polaridade social e política que vivemos em todo o mundo.

Os homossexuais foram excluídos e até punidos, de ações que iam da "limpeza" das cidades ou as prisões alegadas pelas leis da vadiagem. Não é surpresa que o sistema heterossexual violou e excluiu os LGBTI+ de muitas das participações culturais. Apesar disso, os movimentos minoritários surgem como incômodo – hippies, mulheres, negros e homossexuais. Basta rememorarmos a luta de 1969, em Stonewall, em que a força LGBTI+ veio à tona de forma agressiva para reverberar o orgulho e lutar por mais espaço.

Assim como o movimento Hippie, que surge nos anos 60, quando jovens conscientes reivindicaram novas formas de viver, os LGBTI+ revelaram que não estavam dispostos a viver como as famílias tradicionais da época. O objetivo era atacar o sistema vigente e criar novas maneiras conscientes e prazerosas de existir. Contudo, o movimento homossexual teve conviver entre lutas e fracassos, acertos e erros.

Quando o movimento gay parte de um incômodo com o passado, com a produção de "verdades" sobre as homossexualidades, lutando pelo direito de expressão do amor e do desejo homossexual, está reescrevendo as formas

⁶ "Conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais, vai poder entrar numa política, numa estratégia

política, numa estratégia geral do poder" (FOUCAULT, 2008, p. 3)

de prazer. Na verdade, está utilizando a mesma lógica que dominou e censurou a homossexualidade, ou seja, está produzindo discurso, construindo “verdades” condicionadas ao poder (FERRARI, 2004, p.113-114).

Sendo assim, os gays sofreram com sucessivos estigmas – *patologia, pecado, perversão, desvios e até a sua completa medicalização* (FRY;

⁷ em espaços específicos da sociedade, as marginalizadas. Se até pouco tempo nossas condições eram voltadas para o convívio longe da moral e dos espaços privados, levando aos grupos minoritários ao lucro capital, como boates e hospitais. Hoje, relutamos por produzir novos conhecimentos e ressaltar vozes escondidas, ou pelo menos deveríamos.

Amanda Palha, em um seminário promovido pelo Sesc São Paulo e a editora Boitempo chamado ‘*Democracia em Colapso*’, se posicionou fortemente frente aos movimentos feministas e LGBTI+ como “retraídos”.

Na minha concepção não existe forma revolucionária de fazer Família, ponto. Por quê? Quando dizem para a gente, ‘Ah, o movimento LGBT quer acabar com a família’... ‘O movimento LGBT é um movimento promíscuo, que defende o sexo desregrado...’, a gente entrou em uma *lombra* dos anos 90 para cá, de se colocar numa posição defensiva de dizer, ‘Não, a gente não quer destruir família, a gente só quer amar’ ou ‘Não, não tem nada a ver com promiscuidade, a gente até casa, tem filhos, constitui família’ (...). “Isso é de um retrocesso político violento, que violenta, inclusive a história da constituição do movimento LGBT na América Latina, violenta a história dos ganhos feministas na América Latina. Então, cabe a radicalização nossa também de afirmar com todas as letras o que é uma estratégia política crítica antissistêmica. ‘Ah, vocês querem destruir a família...’. Sim, queremos! Não é?” (Amanda Palha, 2019).

A reflexão é como a militância deve reagir frente as condições postas em vigência. Devemos optar pela radicalização? Ou devemos ter os

MACRAE, 1983). A luta pela dignidade e democracia levou os homossexuais a engajarem fortemente na luta políticas e por direitos civis. A saída do armário se tornou obrigatória, ferramenta de luta e militância. Consequentemente, estávamos cada vez mais adentro as normas heterossexuais para reivindicar a normalidade, a moral, a saúde e a participação política.

Estas lutas e reviravoltas enquadraram a contracultura

mesmos direitos salvaguardados pelas leis heterossexuais? Temos outras opções? A direita alerta que não devemos ameaçar a família, a religião e a bandeira para que sejamos tolerados, qual a nossa resposta?

Judith Butler, em seu texto intitulado ‘*O Parentesco é sempre tido como homossexual?*’ (2003), expõe uma visão crítica dos argumentos e das nossas defesas sobre legitimidade e ilegitimidade.

Como sujeitos críticos, necessitamos alocar questionamentos, principalmente quando depositamos em ordem única e institucionalizada o poder de legitimar ou não sujeitos que são garantidos pelos reconhecimentos das relações ‘diádicas pelo Estado’. No entanto, o papel do Estado seria salvaguardar todos, independente da orientação sexual.

O ponto, de forma ampla, é que ainda alimentamos o discurso que: “somos saudáveis, e, até casamos”. Desta forma, passamos a deslegitimar aqueles sujeitos que mantêm vínculos fora do casamento, das pressuposições da monogamia ou se encontram em situações patológicas. O que nos coloca frente as questões: existem outras formas de desafiar os regimes viventes? Como os que estão fora da norma irão ser vistos como reais ou legítimos?

Devemos, sim, lutar pelas legitimidades políticas, mas não podemos vincular estas conquistas a uma condição normativa. Entretanto, deve-se entender que aceitar ser legitimado pelo Estado é aceitar os termos de legitimação.

Por fim, o que não podemos é centrar o Estado como poder de legitimação, dando garantias de direitos a quem acorda e aceita os dispositivos de vínculos, negociações, reconhecimento e garantias.

radicalmente dissociada dos pressupostos básicos de nossa sociedade que muitas pessoas nem se quer querem a consideram uma cultura, e sim uma invasão barbara de aspectos alarmantes” (ROSZAK, 1972, p.54).

⁷ “O que a transição de gerações a que estamos assistindo tem de especial é a escala em que está ocorrendo a profundidade de antagonismos que ela revela. Na verdade, quase não parece exagero chamar de “contracultura” aquele fenômeno que estamos vendo surgir entre os jovens. Ou seja, uma cultura tão

Devemos pensar a política a partir desses lugares de não-representatividade.

3 I HAVE A DREAM

Eu tenho um sonho que um dia esta nação se levantará e viverá o verdadeiro significado de sua crença - nós celebraremos estas verdades e elas serão claras para todos, que os homens são criados iguais (Discurso de Martin Luther King, 1963).

Não ambiciono aqui falar sobre sonhos impossíveis ou dilemas irrealizáveis. O que apresento são aspirações de várias gerações que notaram que seus sonhos poderiam se tornar reais, assim como as telas dos artistas do surrealismo. Até mesmo as buscas que não parecem ser reais – supostamente – podem ser a força geradora de novas realidades e perspectivas. Podemos pensar nos desejos inconscientes, em novas realidades, mas sem esquecer o momento político e social, e quais verdades concretas podemos revolucionar.

O psicanalista Negri (2002) apresenta o conceito de “*desutopia constitutiva*”. Para o autor, o conceito confronta os moralismos e abre espaços para os sonhos coletivos - “romper esta burocracia é fundamentalmente produzir novas metáforas. A utopia, neste sentido, tem que ser pensada dentro de uma química das metáforas” (SOUZA, 2007, p. 33). Sendo assim, é possível pensar os sonhos coletivos de toda uma nova geração e apontar novas direções pela (des)utopia.

Concomitantemente, devemos repensar o conceito de “grupo LGBTI+”, a quem realmente estamos nos referindo, qual conceito de cidadania, sujeito, democracia e direitos discutimos para as prerrogativas de injustiça social e busca de arranjos de dignidade e sobrevivência. Quais sujeitos estão realmente inclusos nas políticas públicas dos estados para diminuir as distâncias entre indivíduos tão diversos e com acessos tão diferenciados a lugares, emprego, saúde, moradia e educação - direitos básicos para a sobrevivência.

Se somos um grupo em situação de vulnerabilidade, somos um conjunto de processos constantes de luta pelas minorias. De acordo com Deleuze, se somos políticos, não devemos ser partidários, pois, ser de esquerda é a lutar constantemente por direitos básicos dos que estão em situação de vulnerabilidade, independente de

quem estiver no poder, e apesar de existirem alguns partidos mais favoráveis, nenhum político será o nosso salvador, sejamos eterna resistência.

Em vista disso, estamos sofrendo um percurso acelerado respaldado na imagem da política capitalista neoliberal nos processos de individualização dos sujeitos, o que desintegra a noção de cidadania e humanitarismo.

Devemos conectar ações individuais, assim como em diversas entidades e organizações públicas e privadas, dentro destes movimentos solidários, chegando aos bairros, escolas, universidades, hospitais, favelas, comunidades tradicionais etc. – grupos em situação de vulnerabilidade. Nesta perspectiva, e ciente das diferenças entre os cidadãos, necessitamos criar redes de apoio com objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos, de assistência social e ajuda mútua. Precisamos criar tecidos sociais de ideais básicos para impulsionar ações destes novos movimentos sociais – devemos instituir um sujeito social.

Grupos, classes e setores subalternos que aderem aos movimentos antissistêmicos e anticapitalistas, podem alterar as realidades de baixo para cima, em distintas formas e níveis de poder e contrapoder. Eventualmente, o contrapoder coletivo pode ter impulso para criar outras realidades – alternativas e não capitalistas. Se o atual está em caos – o capitalista – devemos iniciar fomentos revolucionários de mudança. Podemos iniciar, por exemplo, em nossas comunidades, cidades, condomínios e famílias, assim como em ganhos jurídicos locais – mudar a realidade em nível micro.

Gilles Deleuze, no escrito em ‘*o que é pensar?*’, expõe que os pensamentos não são inatos e/ou adquiridos, mas se desenham em cada vivente (ao ver, ao sentir, ao cheirar, ao escutar, se tocar, ao ouvir) interpelando novas formas de emergir a constituição de si, originando um falar que ofende o próprio ver e é capaz de expandir as paisagens. O desejo de se libertar virá em desvendar as máquinas concretas e abstratas de poder e violência, e a força de grupos minoritários implodirem blocos de poder.

Para finalizar, não existem nada em nossos corpos, sexo, gênero e desejo de natural, tudo é um constructo das inscrições culturais e significado pela linguagem e pelas práticas. Não somos e nunca seremos imutáveis às matrizes heteronormativas; somos resistência. Precisamos montar forças conjuntas, pois todo agenciamento é coletivo, precisamos nos unir. Devemos seguir a lógica da

subversão; temos que criar espaços de potência e enfrentamento, para que assim, seja possível desviarmos das expectativas da produção de nossas singularidades.

Será mais corajoso uma população inteira reafirmar novas formas de vida e legitimação a

tomar decisões com violências e armas nas mãos, daremos ao nosso devir uma revolução gloriosa.

“Okay, ladies, now let's get in formation”
(Beyoncé- Formation)

REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual? **Cad. Pagu** [online]. 2003, n.21, pp.219-260.

CAPUCHO, Luís. **Cinema Orly**, Rio de Janeiro, 1999.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, Vol. 1, Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

DELEUZE, Gilles, **O que é pensar?** Foucault. 2. ed. São Paulo, Brasiliense, 1991, p. 124-130.

FERRARI, Andersom. **Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo**. Revista Brasileira de Educação. 2004.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. Ética, estratégia, poder-saber. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**: Curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 35ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo, Brasiliense, 1983.

NEGRI, Antonio. **O poder constituinte – ensaio sobre alternativas da modernidade**. Rio do Janeiro: DP&A, 2002.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: N-1 Edições, 2014, 224 p.

ROSZAK, Theodore. **A contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil**. Petrópolis, Vozes, 1972.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cad. Pagu** [online]. 2007, n.28, pp.19-54.

SOUZA, Edson Luis André de. **Uma invenção da utopia**. São Paulo: Lumme Editor, 2007.

How to cite (ABNT)

SAMPAIO, José Ricardo Fortes. The Surrealistic City of the Subaltern: the revolutionary and subversive character of anguish and our dreams for reality. **JOSSHE: Journal of Social Sciences, Humanities and Research in Education**. v. 3, n. 1, p. 9-14, Jan./June, 2020. DOI <http://dx.doi.org/10.46866/josshe.2020.v3.n1.85>.